

AVALIAÇÃO EDUCACIONAL: IMPORTÂNCIA, EXIGÊNCIAS E DESIGUALDADES

Ivanete Nunes Miranda

CEEP Maria Chaves, e-mail: prof-ivanete@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo fazer uma caracterização das práticas avaliativas no processo de ensino aprendizagem. Sabe-se que a Avaliação Educacional vem assumindo uma posição de centralidade na formulação e implementação das políticas públicas no setor. A crise no setor educacional, em meio as grandes mudanças e transformações sociais, tem contribuído para que diferentes países, principalmente aqueles em desenvolvimento, passem a desenvolver por iniciativa própria, indução e/ou imposição dos organismos internacionais, mecanismos ou políticas de avaliação dos seus sistemas de ensino, por meio do rendimento escolar dos alunos. Atualmente este é um tema de grande relevância no campo educacional, conforme define Luckesi (1996, p. 33), "é como um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão". Para a realização deste trabalho fez-se uso da pesquisa bibliográfica, onde tomou como base o pensamento de autores como: Esteban (2003), Haydt (2001), Hoffmann (1993), Méndez (2002), Santana (1995), Vasconcelos (1998), Souza (1995), entre outros que abordam sobre a temática estudada neste trabalho. Destaca-se também, os pressupostos da avaliação formativa, diagnóstica e a somativa. Nos referenciais bibliográficos consultados pode-se perceber que a avaliação nos diferentes espaços de produção do conhecimento, tem sido tradicionalmente considerada como um fator que ocorre no final do processo de produção do conhecimento. Sob esta ótica, foi fundamental perceber que a avaliação ocorre no decorrer de todo processo ensino aprendizagem. Vale salientar a importância da prática avaliativa contínua, pois, somente assim, o professor será capaz de fazer um acompanhamento do desempenho do aluno no processo de aprendizagem, o que favorecerá um aprendizado mais significativo.

Palavras-chave: Avaliação, Conhecimento, Ensino-aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

Uma das grandes dificuldades encontradas atualmente no campo educacional é a capacidade de avaliar. De acordo com Luckesi (2002) a avaliação que se pratica na escola é aquela onde as notas são usadas para fundamentar necessidades de classificação de alunos, onde são comparados desempenhos e não objetivos que se deseja atingir.

A avaliação, em todas as suas dimensões, é um assunto que tem sido objeto de profundos debates, estudos e pesquisas, porém permanece ainda inesgotável, polêmico e bastante vivo no contexto da educação, na atualidade.

Atualmente, muito se tem discutido sobre a avaliação no contexto escolar. Busca-se uma verdadeira definição para o seu significado, justamente porque esse tem sido um dos aspectos mais problemáticos na prática pedagógica.

Apesar de a avaliação ser uma prática social ampla, pela própria capacidade que o ser humano tem de observar, refletir e julgar, sua dimensão na escola não tem sido muito claro. Ela

vem sendo utilizada há décadas, como atribuição de notas, visando a aprovação ou reprovação do aluno.

Na sociedade atual, a avaliação educacional é um tema que está bastante em pauta, que consiste em maneiras para auxiliar o professor no processo de aprendizagem.

Porém, sabemos que as práticas avaliativas não têm exatamente essa finalidade, visto que visam o benefício do aluno, do professor e de todos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Existem três tipos de avaliação, entre os quais o professor pode optar por um para aplicar em sua sala de aula: avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação somativa. A diagnóstica possibilita ao professor identificar progressos e dificuldades por parte do aluno. A avaliação formativa, busca identificar as principais insuficiências de aprendizagens iniciais necessárias para o aprendizado de outros conhecimentos. Já avaliação somativa caracteriza-se pelo seu aspecto autoritário e conservador e não tem a preocupação de auxiliar o aluno no seu desenvolvimento, pois nela ficam expressos a autoridade do professor e a opressão do aluno, o que cada vez mais dificulta o aprendizado do aluno.

Nesse sentido, este artigo foi desenvolvido com o intuito de fazer uma caracterização das práticas avaliativas no processo de ensino-aprendizagem.

2. AVALIAÇÃO EDUCACIONAL

No processo de ensino-aprendizagem, o bom desenvolvimento do aluno é tido como fator prioritário, e para que isso venha a acontecer, o professor deve ter uma prática pedagógica reflexiva, pois assim ele poderá diagnosticar qualquer atraso no desempenho dos alunos e esse pode ser feito através da avaliação. Segundo os PCNs, avaliar significa

Emitir em juízo de valor sobre a realidade que se questiona, seja propósito das exigências de uma ação que se projetou realizar sobre ela, seja a propósito de suas consequências. (BRASIL, 1997, p. 86).

Sabe-se que a avaliação não acontece num vazio conceitual, mas dimensionada por um modelo de mundo e de educação que visa a obtenção de resultados cada vez mais satisfatórios. O verdadeiro papel da avaliação é o de auxiliar na construção da aprendizagem pela superação do autoritarismo e o estabelecimento da autonomia do educando.

Atualmente, a prática avaliativa, deverá estar atenta aos modos de superação do autoritarismo e a serviço de uma pedagogia que se preocupe com a transformação da sociedade a

favor do ser humano. Somente assumindo o papel de diagnóstica a avaliação se constituirá num momento dialético no processo de aprendizagem do aluno.

Para que isso realmente ocorra, é necessário que o professor planeje sua prática pedagógica compreendendo o estágio em que cada um dos seus alunos se encontra, para que possa trabalhar com eles, fazendo-os avançar no que se refere aos conhecimentos necessários.

A respeito de uma aprendizagem significativa, os PCNs coloca que é:

Necessária à disponibilidade para o envolvimento do aluno na aprendizagem, o empenho em estabelecer relações entre o que já sabe e o que está aprendendo. Essa aprendizagem exige uma ousadia para se colocar problemas, buscar soluções, e experimentar novos caminhos, de maneira diferente da aprendizagem mecânica, no qual o aluno limita seu esforço apenas em memorizar ou estabelecer relações diretas e superficiais. (BRASIL, 1997, p.99).

A citação acima nos possibilita fazer uma reflexão sobre o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem, visto que cabe a este buscar uma conciliação entre o que o aluno já sabe e o que ele está aprendendo.

Porém, mesmo com todas as dificuldades, sabe-se que existem docentes que conseguem planejar e executar todas suas atividades de modo a favorecer a todos que estão incluídos no processo de aprendizagem.

Apesar de a avaliação ser uma prática social ampla, pela própria capacidade que o ser humano tem de observar, refletir e julgar, sua dimensão na escola não tem sido muito claro. Ela vem sendo utilizada há décadas, como atribuição de notas. Muitas escolas utilizam-se da avaliação como classificação para uso de aprovação ou reprovação no fim do ano letivo. E isso não deveria ocorrer, pois a avaliação deve ser vista como ferramenta para o auxílio do professor, isto é, um meio de intervir no aprendizado do aluno.

Sabe-se que avaliar é uma tarefa muito difícil, pois exige qualificação, compromisso competência, ética, flexibilidade e outras inúmeras qualidades que um bom profissional da educação deve ter. Contudo, de maneira geral, poucas condições são oferecidas para a realização de um ensino de qualidade, que tem relação direta com o modo de avaliar. Durante muito tempo, a avaliação, conforme citado anteriormente, era apenas uma questão de notas, de quantificação do saber através de provas ou exames. Assim, quem tirava as melhores notas era considerado como “melhor aluno”, e o que tirava notas mais baixas era ridicularizado pela turma, e nada se fazia para mudar essa realidade, visto que a avaliação não era tida como um aspecto de seu desenvolvimento.

Luckesi (1998) nos alerta sobre o perigo de continuar exercendo o mesmo tipo de avaliação que era exercida nas décadas passadas, que levava em consideração a promoção em vez da verdadeira aprendizagem.

Pais, sistema de ensino, profissionais da educação, professores e alunos, todos têm suas atenções centradas na promoção, ou não, do estudante de uma série de escolaridade para outra (...). O nosso exercício pedagógico é atravessado por mais uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino/ aprendizagem. (LUCKESI, 1998, p.18).

De certa forma, ainda continuamos atrelados a notas, vistas como necessárias no processo avaliativo, uma vez que os educadores não dispõem de concepção e tempo para fazerem uma avaliação mais precisa, através de observações e meios mais eficazes, além de uma série de fatores que prejudicam a avaliação diagnóstica, como as salas de aulas lotadas e alunos com diferenças alarmantes de nível de aprendizagem.

Isso se deve às condições precárias em que acontece a educação em nosso país, onde por mais que tenhamos lutado por uma educação pública de qualidade, ela ainda não acontece, tendo em vista a situação desfavorável em que muitas escolas se encontram e as desigualdades sociais em nossa sociedade. Esteban (2003) critica a proclamada “educação de qualidade para todos”

Faz-se hegemônico o discurso de uma “educação de qualidade para todos”, que se propaga associado a uma suposta igualdade de oportunidades desconsiderando as desigualdades das condições sociais e atribuindo os insucessos unicamente a responsabilidade individual. Tal compreensão fortalece e mantém a desigualdade do acesso à educação e à aprendizagem, visto que não questiona os processos que as naturalizam (ESTEBAN, 2003, p. 58).

Dentro dos objetivos da educação, e principalmente na perspectiva de inclusão social, não há como deixar de refletir sobre a atual avaliação predominante nas escolas, uma vez que ela é fundamental no processo de ensino-aprendizagem e na tomada de decisões, com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem. Exatamente o que é expresso no Art 9º, Inciso VI da LDB 9394/96 sobre as incumbências da União:

Assegurar o processo nacional de avaliação do rendimento escolar no ensino fundamental, médio e superior, em colaboração com os sistemas de ensino, objetivando a definição de prioridades e a melhoria da qualidade de ensino. (BRASIL, 2002, p. 10).

Isso só vem a reforçar um dos mais importantes objetivos da avaliação escolar, que se refere à melhoria na qualidade de ensino, o que demanda muito mais esforço. Porém, esta é importante para que os professores repensem sua prática e sigam novos rumos em direção a uma ação que tenha êxito, no sentido de conseguir realmente com que os alunos aprendam. Méndez afirma

(...) a avaliação torna-se importante no momento da informação prática aos professores sobre a qualidade das aprendizagens que os alunos estão realizando. Ao mesmo tempo, oferece uma boa oportunidade para melhorar tanto o processo de aprendizagem (...) quanto às ações futuras de ensino mediante a reflexão, a autocrítica e a autocorreção a partir da prática escolar. (MÉNDES: 2002, p. 74).

A citação acima evidencia o papel da avaliação como mediadora do processo de ensino-aprendizagem dos alunos, pois possibilita uma reflexão embasada nos dados obtidos por meios desse processo. Caso o professor perceba que sua prática não está favorecendo a todos, ele poderá refletir e adaptar uma prática mais acessível e igualitária.

3. TIPOS DE AVALIAÇÃO

A avaliação nos diferentes espaços de produção do conhecimento tem sido tradicionalmente considerada como um fator que ocorre no final do processo de produção do conhecimento. Sob esta ótica, foi fundamental perceber que a avaliação ocorre no decorrer de todo processo ensino aprendizagem.

Portanto, a avaliação deve favorecer o desenvolvimento de todos os envolvidos, levando-se em conta que todas são diferentes, tanto no nível socioeconômico, como nas características individuais. Ela possibilita o conhecimento de cada um, da sua posição em relação à classe, estabelecendo uma base para atividades de ensino-aprendizagem.

Podemos classificar a Avaliação como sendo de três tipos: a diagnóstica, a formativa e a somativa. A seguir descrevemos cada uma delas, caracterizando-as e diferenciando-as.

3.1 AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

A avaliação diagnóstica tem por objetivos identificar as competências do aluno e adequar o aluno num grupo ou nível de aprendizagem permitido a captação de progressos e dificuldades do aluno, visando através dos mesmos, uma modificação no processo de ensino que possibilite concretizar seus objetivos. Ela permite o alcance de propósitos como: verificar se o aluno estabelece ou não determinados conhecimentos ou habilidades que são necessários para aprender algo novo, identificar, discriminar, compreender, caracterizar as causas determinantes das dificuldades de aprendizagem, ou essas próprias dificuldades.

Para Kraemer (2006) a avaliação diagnóstica é baseada em averiguar a aprendizagem dos conteúdos propostos e os conteúdos anteriores que servem como base para criar um diagnóstico das dificuldades futuras, permitindo então resolver situações presentes.

Nesse olhar, percebe-se que o papel da avaliação diagnóstica, objetiva investigar os conhecimentos anteriormente adquiridos pelo educando, propiciando assim, assimilar conteúdos presentes que são partilhados no processo ensino aprendizagem.

Ao refletir sobre a função da avaliação diagnóstica, a ênfase dada é identificar os conteúdos e competências, objetivando saber qual nível encontra-se o aluno, bem como destacar que o seu principal foco não é voltado à nota, mais em um diagnóstico para compreender o processo da produção do conhecimento.

Ao referir-se sobre a avaliação diagnóstica, Gil revela que

“constitui-se num levantamento das capacidades dos estudantes em relação aos conteúdos a serem abordados, com essa avaliação, busca-se identificar as aptidões iniciais, necessidades e interesses dos estudantes com vistas a determinar os conteúdos e as estratégias de ensino mais adequadas”. (GIL, 2006, p. 247).

Nesse repensar, evidenciou-se que a avaliação vem modificando-se ao longo dos tempos, com implicações incorporadas cada vez mais de procedimentos avaliativos que propiciam um resultado mais eficaz.

Esse tipo de avaliação visa mostrar ao professor e ao aluno o seu desempenho na aprendizagem bem como no decorrer das atividades escolares, oportunizando localizar as dificuldades encontradas no processo de assimilação e produção do conhecimento, possibilitando ao professor correção e recuperação. Com isso, queremos dizer que:

O diagnóstico se constitui por uma sondagem, projeção e retrospectiva da situação de desenvolvimento do aluno, dando-lhe elementos para verificar o que aprendeu e como aprendeu. É uma etapa do processo educacional que tem por objetivo verificar em que medidas os conhecimentos anteriores ocorreram e o que se faz necessário planejar para selecionar as dificuldades encontradas. (SANTANNA, 1998, p.33).

Daí a importância da realização de um diagnóstico no início do ano letivo, pois isso irá fornecer dados ao professor sobre o nível de conhecimento do aluno, e através destes o professor poderá planejar melhor sua prática, dando ênfase aos conteúdos mais deficitários.

3.2 AVALIAÇÃO FORMATIVA

Essa modalidade de avaliação busca identificar as principais insuficiências de aprendizagens iniciais necessárias à realização de outras aprendizagens. Nesse sentido, é formativa no instante em que indica como os alunos estão se comportando em relação aos objetivos propostos. Sobre a avaliação formativa, Sousa afirma

A avaliação formativa buscaria, além disso, compreender o funcionamento cognitivo do aluno em face da tarefa proposta. Os dados de interesse prioritário são os que dizem respeito às representações das tarefas explicitadas pelo aluno e às estratégias ou processos que ele utiliza para chegar a certos resultados. Os “erros” constituem objeto de estudo particular, visto que são reveladores da natureza das representações ou das estratégias elaboradas por ele. A finalidade da recuperação pedagógica será ajudar o aluno a descobrir aspectos pertinentes da tarefa e comprometer-se na construção de uma estratégia mais adequada. (SOUZA, 1998, p.67).

Dessa forma, a avaliação formativa é contínua e visa a uma regulação interativa, ou seja, todas as relações entre professor e aluno são avaliações que possibilitam adaptações na prática cotidiana visando à melhor aprendizagem do aluno.

3.3 AVALIAÇÃO SOMATIVA

A avaliação somativa tem aspecto autoritário e conservador e não funciona como um instrumento dialético do avanço, de novos rumos. Não serve em nada para a transformação, contudo, é extremamente eficiente para a conservação da estrutura social, pois aumenta a autoridade e oprime o aluno, impedindo o seu crescimento.

A decisão do professor na avaliação somativa é total, ele decide, sem critério prévio e sem relevância dos dados, conceder ou retirar pontos. Nesse caso, a competência é desconsiderada. Vale a gana autoritária do professor que, com isso, pode aprovar incompetentes, agradar os queridos e reprimir e sujeitar os irrequietos e malqueridos. A avaliação aqui ganha os foros do direito de premiar ou castigar dentro do ritual pedagógico. Nesse aspecto, a avaliação somativa

Supõe uma comparação, pois o aluno é classificado segundo o nível de aproveitamento e rendimento alcançado, geralmente em comparação com os demais colegas, isto é, com o grupo classe. A ênfase no aspecto comparativo é próprio da escola tradicional. É com esse propósito que é utilizada a avaliação somativa, com função classificatória, pois ela consiste em classificar os resultados da aprendizagem alcançados pelos alunos ao final de um semestre, ano ou curso, de acordo com os níveis de aproveitamento preestabelecidos. Portanto, consiste em atribuir ao aluno uma nota ou conceito final para fins de promoção. (HAYDT: 1991, p. 25, 26).

A avaliação, nessa perspectiva torna-se uma dicotomia entre educação e avaliação. É necessária a tomada de consciência e a reflexão a respeito desta compreensão equivocada da avaliação com julgamento de resultados porque ela veio se transformando numa perigosa prática educativa.

4. FINALIDADES DA AVALIAÇÃO

Para que a avaliação adquira a importância que realmente tem no processo de ensino-aprendizagem, é necessário um conhecimento mais aprofundado e seguro das dificuldades de aprendizagem dos alunos.

O professor não deve permanecer alheio a esta deficiência, pois ninguém melhor do que ele pode emitir um juízo de conjunto, a respeito do rendimento escolar de cada aluno.

Se o professor é um educador, a avaliação dos alunos faz parte integrante de suas funções. Portanto, avaliar é desenvolver todas as potencialidades de um ser, é orientar as forças de uma vida que desabrocha a fim de transformá-la numa existência humana. Nessa perspectiva segue o enfoque da professora Hoffmann:

O sentido fundamental da ação avaliativa é o movimento, a transformação. Os pesquisadores muitas vezes se satisfazem com a descoberta do mundo, mas a tarefa do avaliador é a de torna-la melhor. O que implica num processo de interação educador e educando, num engajamento pessoal a que nenhum educador pode se furtar sob pena de ver completamente descaracterizada a avaliação em seu sentido dinâmico. (HOFFMANN, 1998, p. 110).

Por tanto, os professores precisam agir como verdadeiros filósofos, refletindo sobre sua atuação eficaz em busca de aprimorar o trabalho educativo, que, muitas vezes, torna-se mecanizado, passando a adquirir uma relação heterogênea, na qual se destaca o papel do professor e a atividade do aluno.

É fundamental a interação ente o professor e o aluno, porque isso favorece, estimula, incentiva o processo de ensino-aprendizagem. Portanto

A avaliação é um sistema intencional e discriminatório de verificação que tem por objetivo tornar a aprendizagem mais efetiva. Concluímos que esta, como processo, objetiva, melhorar a aprendizagem: a validade deste posicionamento, embora parcial, é significativa quanto à ênfase dada à avaliação como processo educativo. (SANTANA, 1998, p.36).

A avaliação, assim, tem de adequar-se à natureza da aprendizagem, levando em conta não só os resultados das tarefas realizadas, o produto, mas também o que ocorreu no caminho, o processo. É uma espécie de mapeamento que vai identificando as conquistas e os problemas dos alunos em seu desenvolvimento. Após isso, professor e aluno, juntos, devem refletir sobre os erros que ocorreram, transformando esse momento em uma situação de aprendizagem. A verdadeira função da avaliação no sistema de ensino está expressa na citação de Soares, a seguir:

É um dos mais eficazes instrumentos de controle da oferta e do aproveitamento de oportunidades educacionais e sociais e de disseminação de um processo de seleção em que, sob uma aparente neutralidade e equidade a alguns são oferecidas sucessivas oportunidades educacionais e, em consequência, oportunidades sociais, enquanto a outras essas oportunidades são negadas, processo que se desenvolve segundo critérios que transcendem os fins declarados de avaliação. Segundo esses fins declarados, a avaliação educacional pretende verificar se o estudante alcançou, e em que grau, os objetivos que se propõe o processo de ensino. Implica e mascaradamente o controle das hierarquias sociais. (SOARES, 1981 p.47).



Na verdade, toda a reflexão feita até o presente momento pode ser resumida em adequá-las às finalidades da escola, onde não deve haver mecanismos seletivos nem classificatórios. A escola visa proporcionar ao aluno a educação básica a que todo cidadão tem direito e, portanto, a exclusão é uma violência a esse direito.

A avaliação educacional deve ter a função de subsidiar a tomada de decisões em relação à continuidade do trabalho pedagógico e não de decidir quem será excluído do processo de aprendizagem, devendo ser vista como uma prática boa, que sirva para ajudar, de acordo com as deficiências diagnosticadas em cada aluno no processo de ensino – aprendizagem. Entretanto, isso ainda não acontece em escolas da nossa realidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui realizado visa contribuir com os estudos voltados para o campo educacional, visto que fala sobre a avaliação e sobre as práticas que podem ser adotadas pelos professores para avaliarem seus alunos no processo de ensino-aprendizagem.

O que se tem visto em nossas escolas é uma valorização exacerbada da avaliação, como se ela fosse a finalidade do ensino. É como se o ensino servisse para avaliar. Estuda-se não para aprender, mas para, ao ser avaliado, poder ser classificado ou não para a série seguinte.

A respeito da aprendizagem do aluno, a avaliação vai muito além de atribuir notas e números que indicam se ele sabe ou lembra o conteúdo, a avaliação deve ser vista como uma maneira de ajudar o aluno a crescer em conhecimento e em nível pessoal também, é importante saber como está o aprendizado do aluno, se ele está absorvendo e entendendo a aula, o importante ainda é saber como ensiná-lo da melhor forma possível e se ele estiver com dificuldades auxiliá-lo. O papel do professor não é julgar tão pouco rotular os alunos, mas sim auxiliá-lo no aprendizado.

Neste sentido as práticas avaliativas são muito importantes, pois possibilitam um ensino que promova a aprendizagem nas mais variadas situações, dentro e fora da sala de aula.

Portanto, as práticas avaliativas devem assumir um caráter diagnóstico processual e contínuo. Vale salientar a importância da prática avaliativa contínua, pois, assim, o professor será capaz de fazer um acompanhamento do desempenho do aluno no processo de aprendizagem.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL, Senado Federal. Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional: Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996. Brasília: Subsecretaria de Edições Técnicas, 2002.

ESTEBAN, Maria Tereza (Org.) Escola, Currículo e avaliação. São Paulo: Cortez, 2003. (Série Cultura, memória e currículo, v. 5).

HAYDT, Regina Cazaux. Avaliação no processo de ensino – aprendizagem. Ática, 2ª ed. 1991.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação: Mito e desafio. Uma Perspectiva Construtiva. Porto Alegre. RS. Educação e Realidade, 1993.

MÉNDEZ, Juan Manuel Álvarez. Avaliar para Conhecer, Examinar para Excluir. Tradução Magda Schwartzaupt Chaves. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTANNA, Ilza Martins. Por que Avaliar?: Como Avaliar? Critérios e Instrumentos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SOUZA, Clarilza, P. de, (Org) Avaliação do Rendimento Escolar. Campinas SP. Papyrus, 1995 (Coleção Magistério Formação e Trabalho Pedagógico).

VASCONCELOS, Celso dos Santos. Avaliação: concepção dialética – libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo, Libetad, 1998.